

Editorial

A primeira linha de qualquer escrito é, na maioria dos casos, a mais difícil de se escrever. Mesmo que tenhamos todo o trajeto esquematizado e formulado, nunca sabemos que rumos ele próprio vai tomar. Isso aconteceu com a Revista *Cadernos de Clio*, que após um ano e meio de planejamento apresenta seu primeiro volume. Após inúmeras dificuldades de infinitas ordens e instâncias a revista é aqui apresentada como resultado de muito esforço e muita colaboração.

Uma de nossas principais diretrizes editoriais foi possibilitar aos estudantes de graduação de todo país um espaço para publicação de suas pesquisas em história, independentemente da universidade de origem, temporalidade da pesquisa ou área de atuação. O resultado dessa proposta é uma revista amplamente eclética, pluralista e variada em seus assuntos e abordagens. Podemos tecer uma comparação entre nossa revista e um mosaico, onde múltiplos fragmentos multicoloridos o compõe e, no aparente caos, encontra-se uma harmonia.

No primeiro artigo intitulado “Georges Bataille: Paradoxo e Transgressão”, Daniel Verginelli Galantin mapeia e localiza o filósofo francês num ambiente intelectual que influencia toda sua produção literária e filosófica. Nesse estudo Galantin dá visibilidade a uma filosofia ainda pouco conhecida na academia brasileira.

No artigo “O Cronista e a Dama: Facetas da aia Inês de Castro na crônica de Fernão Lopes” de Mariana Bonat Trevisan encontramos uma reflexão que perpassa as áreas de literatura e história. Estudando as crônicas régias, a autora busca entender as visões que Fernão Lopes elabora sobre a aia Inês de Castro, contribuindo, assim com a historiografia do medievo.

Com “Gênero e comportamento: casos de sedução na cidade de Londrina (1960-1970)” as acadêmicas Tamara Vieira e Célia Regina da Silveira trazem contribuições da história local, contemporânea e de gênero ao estudarem as relações entre os comportamentos de jovens mulheres de estratos sociais desfavorecidos e os discursos jurídicos formulados pelas autoridades londrinenses.

Pelo artigo “Práticas de cidadania no alvorecer republicano brasileiro: processo de abolição e a atuação de Coelho Netto” os autores Igor Fernandes Viana de Oliveira, Luiz Guilherme Burlamaqui Soares Porto Rocha e Pedro Portocarrero Pinheiro se encarregam de contribuir com a historiografia brasileira ao fazerem uma reflexão acerca da consolidação da primeira república pela ótica da cidadania. O foco do artigo centra-se na atuação do intelectual Coelho Netto e suas intervenções no processo de abolição da escravatura.

No artigo “Dante Alighieri: a monarquia universal e a ‘felicità mentale’” Gabriel Ferreira de Almeida Paizani traça uma proffcua relação entre a biografia de Dante e suas obras, em especial o tratado “De Monarchia”. O interesse do artigo se remete à tensão presente na filosofia dantesca referente à importância do sujeito e da nobreza intelectual.

No artigo “Da fragmentação dos saberes à aniquilação dos dizeres, a erudição sem nome” de Rogerio Ribeiro Tostes, encontramos uma erudita contribuição teórica e ensaística em relação à crise das ciências sociais, que direta ou indiretamente, afetou a epistemologia da história. Estão em jogo as múltiplas críticas e articulações que transpassam compreensões de pós-modernidade, interdisciplinaridade e teoria cultural, que (in)definem o quadro intelectual contemporâneo.

Numa articulação entre gênero feminino e violência Valéria Silva Batista e Vanessa Lima Cunha apresentam uma pesquisa com múltiplos desdobramentos sociais ao analisar a relação das mulheres pobres e a justiça. Interessante percebermos as mulheres nesse artigo sendo retratadas não mais sob o prisma da passividade, mas como pessoas de ação, que têm o poder tático da barganha e da defesa de interesses frente a um âmbito jurídico com poderes muito superiores aos seus.

Com “Morte, Culpa e Medo: A Angústia coletiva no princípio da modernidade” Alexandre Frasato Bastos traça uma instigante relação entre o Humanismo Cristão e a Reforma Religiosa através

das obras de Lutero e Erasmo. Sua contextualização histórica nos permite perceber as angustiantes gêneses da modernidade nascente.

Pelo artigo “A Lenda Castelhana: Leituras de El Cid” o autor Luiz Filipe Alves Guimarães Coelho nos fornece uma visão panorâmica e perspectiva das múltiplas figurações de El Cid na literatura histórica. Por sua diversidade de leituras o autor supera a inibidora idéia de “uma verdade histórica”.

Em “*O sangue nosso de cada dia: violência e apropriação narrativa na literatura de Dalton Trevisan*” Rodrigo Gomes de Araújo trata da instigante relação entre literatura e história. Sua ampla abordagem do livro “Pão e sangue” perpassa as imagens da violência e delimita seu contexto dos anos 80 no Brasil.

No artigo “A Feiteira de Michelet e o Ideal Romântico de Heroísmo” Marcelo Mangini Dias traça uma leitura desse historiador que até os dias atuais é considerado um dos pais da história moderna. O estudo apresenta uma interpretação bastante arrojada que situa no livro “A feitaira” a confluência com “o povo”, assunto visto como fundamental pelas abordagens de Michelet.

Com “‘Em terra de gente nua’: o humor enquanto estratégia política em um jornal dirigido por Oswald de Andrade”, Valdeci da Silva Cunha estuda o pensamento político e a veia intelectual do literato modernista através da análise do Jornal “O Homem do Povo”. Nesse intermédio o autor tem o cuidado de localizar Oswald de Andrade na trama intelectual de sua contemporaneidade.

Para finalizar, contamos com as resenhas do livro de Selma Pantoja “Nzinga Mbandi: mulher, guerra e escravidão” e do livro de Pedro Paulo de Oliveira “A Construção Social da Masculinidade” realizadas por Mariana Ouriques e Fernando Bagiotto Botton, respectivamente.

Por diferentes temáticas que se transpassam inter, intra e multidisciplinarmente, o primeiro exemplar da revista *Cadernos de Clio* nos soa, talvez, como um diagnóstico da historiografia contemporânea, onde a história se sustenta não mais pelo seu cerrado *métier* epistemológico do século XIX ou por suas restritas alianças particulares com a sociologia e antropologia, a exemplo das primeiras gerações da Escola dos *Annales*. A introdução de temáticas jurídicas, sociológicas, antropológicas, filosóficas, literárias, culturais e intelectuais demonstra a expansão da história pelas mais diversas áreas do conhecimento.

Num momento em que muitos historiadores ainda diagnosticam a “*ciência histórica*” como carente de uma identidade e de um método que a distinga das demais ciências, encontramos nessa despreziosa revista de graduação o frescor de múltiplas práticas históricas que, justamente pela dissolução de suas fronteiras rígidas, nos proporcionam estudos extremamente instigantes e enriquecedores.

Curitiba 14 de abril de 2010

Fernando Bagiotto Botton

Membro do Corpo Editorial